Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A CIDADE COMO CONTEXTO FORMADOR ARTÍSTICO-EDUCADOR DO OLHAR FOTOGRÁFICO

THE CITY AS AN ARTISTIC-EDUCATIONAL CONTEXT FOR DEVELOPING THE PHOTOGRAPHIC GAZE

LA CIUDAD COMO CONTEXTO FORMATIVO ARTÍSTICO-EDUCADOR DEL MIRAR FOTOGRÁFICO

Vanessa Regina Trentin Zoraski*
Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil

Anibal Lopes Guedes**
Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim/RS, Brasil

Resumo

Em uma sociedade saturada de imagens, na qual o olhar infantil é constantemente atravessado por estímulos visuais prontos e filtrados, este estudo propõe um retorno ao essencial: ver com profundidade a partir do olhar da criança. A fotografia, compreendida como expressão artística e experiência sensível, é aqui explorada como dispositivo pedagógico capaz de estimular a autoria, a contemplação e a escuta visual na infância. A partir de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em autores como Sontag (2007), Hermann (2010), Ferry (1994) e Almeida (2015), o trabalho reflete sobre a educação estética das crianças frente ao universo imagético contemporâneo. Como desdobramento prático, apresenta-se a criação de totens fotográficos instalados em pontos históricos da cidade de Erechim-RS, compreendidos como dispositivos de mediação visual e corporal que podem estimular práticas de contemplação, autoria fotográfica e fotoperformance no espaço urbano. Esses totens propõem interações poéticas com o espaço urbano, convidando crianças e passantes a exercitarem o olhar, a atenção e a sensibilidade. Como resultado propositivo, o estudo indica que esses dispositivos podem atuar como mediadores entre infância, arte e memória, ao favorecerem experiências de educação estética no cotidiano da cidade.

Palavras-chave: Fotografia; Educação estética; Fotografia na infância; Foto performance.

ZORASKI, Vanessa Regina Trentin; GUEDES, Anibal Lopes. A CIDADE COMO CONTEXTO FORMADOR ARTÍSTICO-EDUCADOR DO OLHAR FOTOGRÁFICO.**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 68,e1864, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Abstract

In a society saturated with images, where the child's gaze is constantly shaped by pre-packaged and filtered visual stimuli, this study advocates a return to the essential: seeing deeply through the eyes of the child. Photography, understood as both an artistic expression and a sensitive experience, is explored here as a pedagogical tool capable of fostering authorship, contemplation, and visual attentiveness in childhood. Adopting a qualitative, exploratory, and descriptive approach grounded in authors such as Sontag (2007), Hermann (2010), Ferry (1994), and Almeida (2015), this work reflects on the aesthetic education of children in the face of today's image-saturated world. As a practical development, the creation of photographic totems installed at historical points in the city of Erechim-RS is presented, understood as devices of visual and bodily mediation that can stimulate practices of contemplation, photographic authorship, and photoperformance in the urban space. These totems invite poetic interactions with the urban space, encouraging children and passersby to engage their gaze, attention, and sensitivity. As a proactive result, the study indicates that these devices can act as mediators between childhood, art, and memory, by promoting experiences of aesthetic education in the daily life of the city.

Keywords: Photography; Aesthetic education; Childhood photography; Photoperformance.

Resumen

En una sociedad saturada de imágenes, la sensibilidad infantil es constantemente atravesada por estímulos visuales prefabricados y filtrados. Este estudio propone un retorno a lo esencial: promover la percepción de la profundidad del mundo a partir de la mirada fotográfica sensible de los niños. La fotografía, comprendida como expresión artística y experiencia sensible, se explora aquí como un dispositivo pedagógico capaz de estimular la autoría, la contemplación y la “escucha” visual en la infancia. Haciendo uso de un enfoque cualitativo, de carácter exploratorio y descriptivo, fundamentado en autores como Sontag (2007), Hermann (2010), Ferry (1994) y Almeida (2015), este presente trabajo reflexiona sobre la educación estética de los niños frente al universo imagético contemporáneo. Como desarrollo práctico, se presenta la creación de tótems fotográficos instalados en puntos históricos de la ciudad de Erechim-RS, entendidos como dispositivos de mediación visual y corporal que pueden estimular prácticas de contemplación, autoría fotográfica y fotoperformance en el espacio urbano. Estas estructuras proponen interacciones poéticas con el espacio urbano, invitando a niños y transeúntes a ejercitar su

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

atención y sensibilidad. Como resultado proactivo, el estudio indica que estos dispositivos pueden actuar como mediadores entre la infancia, el arte y la memoria, al promover experiencias de educación estética en la vida cotidiana de la ciudad.

Palabras clave: Fotografía; Educación estética; Fotografía en la infância; Fotoperformance.

1. Plano Geral: Introdução

Desde os primeiros traços de luz capturados até o deslizamento de dedos nas telas digitais, a fotografia atravessa os séculos, transformando a maneira como o ser humano observa e interpreta o mundo. Como afirma Almeida (2015, p. 42), "[...] a fotografia como prática e como concepção entrou na esteira dessas transformações [em nível sociais, culturais, tecnológicas, conceituais]." E mais: ela oscila entre ciência e arte, entre documento e poesia, entre verdade e ficção.

Hoje, o mundo é imagem. Respiramos *pixels* (Kist, 2010). O cotidiano é invadido por fluxos incessantes de fotografia (rostos, corpos, paisagens, afetos, entre outros).

Tudo registrado, editado, filtrado e postado em mídias sociais que não dormem. E nesse turbilhão visual, como as crianças estão? Elas crescem em meio a imagens prontas, embaladas para consumo, que moldam modos de ser, pensar e desejar.

Podemos nos questionar: De que forma a sensibilidade e potência criativa das crianças estão sendo despertadas e nutridas nesse universo imagético que, embora abundante, nem sempre convida à criação, à autoria ou ao olhar poético?

Quando uma criança segura uma câmera, ou mesmo um celular com outro propósito, e decide onde apontar, o que incluir, o que cortar, ela está narrando, está se posicionando, está dizendo, sem palavras: é assim que eu vejo.

Nesse sentido, a discussão também se aproxima do campo da fotoperformance, compreendida como uma prática híbrida entre fotografia e performance, na qual o corpo não é apenas registrado pela imagem, mas participa de forma ativa na construção visual e na poética da cena. Diferentemente do simples registro de uma ação, a fotoperformance envolve a produção de gestos, presenças e

Volume 2026
ISSN 2319-0868

enquadramentos pensados para a câmera, fazendo da fotografia o próprio espaço de acontecimento artístico (Cohen, 2002).

No contexto deste estudo, essa noção amplia a compreensão da criança como sujeito que não apenas observa a cidade, mas também pode performar nela, interagir corporalmente com seus espaços e construir imagens a partir de sua presença sensível no território urbano. Nas palavras de Hermann (2010, p. 17), "tais experiências de liberação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu."

A fotografia, quando incorporada à vivência pedagógica, se revela como muito mais do que técnica, ela é a sensibilidade estética ativada. É uma forma de escuta do mundo através dos olhos.

Quando crianças são provocadas a fotografar, não apenas registram, elas descobrem. Descobrem que há beleza, arte e história nos detalhes, nos cantos esquecidos, nas rachaduras das paredes, nas cores da cidade…

É nesse impulso que nasce a proposta/produto deste artigo: considerar a fotografia como prática educativa estética, sensível e artística. Para tanto, utiliza-se a cidade de Erechim-RS como contexto formador-artístico-educador[1] do olhar fotográfico.

Para dar subsídios a essa proposta, essa pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, voltada à compreensão das possibilidades da fotografia como dispositivo pedagógico. Conforme Foucault (*apud* Marcello, 2004), este é entendido como um conjunto heterogêneo de elementos discursivos e não-discursivos (discursos, instituições, leis, práticas, saberes, entre outros) articulados numa rede que produz e organiza sujeitos, no desenvolvimento da sensibilidade estética infantil. Desse modo, a primeira etapa da investigação consistiu em uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de levantar estudos e reflexões sobre o impacto das mídias digitais no comportamento infantil e o uso da fotografia no contexto pedagógico. O levantamento concentrou-se em produções

[1] O termo **formador-artístico-educador** é uma categoria conceitual proposta pelos autores deste estudo para designar o profissional que integra a prática artística, a mediação pedagógica e a formação humana. Sua elaboração inspira-se nos pressupostos da Arte-Educação, especialmente nas contribuições de Fernando Hernández (2000) e Ana Mae Barbosa (2012) sobre educação estética e cultura visual, de Paulo Freire (1996) acerca da prática educativa crítica e dialógica e de John Dewey (2010) quanto à arte como experiência formativa.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

científicas recentes, especialmente nos campos da Educação, Comunicação e Estética, envolvendo artigos, dissertações, teses e livros que dialogam com o tema.

A base teórica deste estudo se apoia em quatro contribuições fundamentais. Susan Sontag (2007) ao refletir sobre o poder da imagem como "sistema especial de revelação" que expande nossa percepção, retendo "o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens", como explica Sontag (2007). Nadja Hermann (2010), enfatizando que a experiência estética mobiliza "esse outro lado da razão – o sentimento, a sensibilidade, as emoções e o corpóreo", desempenhando um papel decisivo na formação do eu. Juliana Gisi Martins de Almeida (2015), introduz o conceito de "dispositivo vazio", mostrando que a câmera só ganha significado estético quando ativada pela intenção e pela ação de quem a manuseia. Por fim, Luc Ferry (1994), problematiza a redução do belo a uma simples preferência pessoal e defende a urgência de cultivarmos critérios estéticos próprios, para além dos padrões convencionais.

Na segunda etapa da pesquisa, foi realizado o desenvolvimento conceitual e visual dos protótipos dos totens fotográficos, compreendidos como dispositivos artístico-pedagógicos voltados à mediação entre infância, cidade e memória. Importa esclarecer que, nesta etapa do estudo, os totens ainda não foram produzidos fisicamente nem aplicados com grupos de crianças em situação de uso. Assim, os resultados aqui apresentados possuem caráter propositivo e projetual, fundamentados na articulação entre revisão bibliográfica, análise do contexto urbano e elaboração de uma proposta de intervenção educativa no espaço público. Esses equipamentos são concebidos como suportes físicos e simbólicos capazes de promover experiências sensíveis, autorais e educativas por meio da fotografia.

Com essas bases teóricas e metodológicas estabelecidas, segue-se agora para a discussão do papel da fotografia na sociedade contemporânea, em especial no vínculo entre imagem, mídias sociais, cultura e infância.

2. Plano Médio: A fotografia na sociedade das mídias digitais

Como já mencionado, este estudo reconhece as múltiplas facetas da fotografia, mas concentra-se especialmente em sua dimensão artística. Nesse contexto, é necessário rememorar que a consolidação da fotografia como forma de

Volume 2026
ISSN 2319-0868

expressão estética percorreu um longo caminho. Não apenas no reconhecimento conceitual de seu valor como arte, mas também no aperfeiçoamento dos dispositivos de captura. Fath (2020, p. 2) ilustra com clareza esse processo nos seguintes trechos:

> Grande parte dos primeiros fotógrafos teve passagem pela arte, principalmente, pela pintura a óleo de retratos e miniaturas, embora isso não tivesse garantido que a fotografia fosse aceita no campo artístico. À proporção que a atividade fotográfica adentrava as funções referentes à pintura, à gravura e ao desenho, crescia a oposição dentro do campo. Contudo prevaleceu o uso da fotografia como ferramenta para pintura e na documentação de obras artísticas, mesmo com os protestos articulados por parte de muitos artistas.

A partir destes grupos que buscavam contrapor a afirmação de que uma imagem tecnológica não poderia ser arte, que a partir da década de 1890, surge o pictorialismo, uma corrente que busca conferir à fotografia o mesmo status artístico das demais artes visuais. De forma bastante ousada, seus defensores passaram a ver na imagem fotográfica não um mero apoio à pintura, mas uma criação própria e independente, dotada de valor estético autônomo, como comenta a autora Fath (2020).

Com o avanço destes movimentos ao longo do século XX e, especialmente, na virada para o século XXI, a fotografia conquistou definitivamente seu lugar no circuito das belas artes, ocupando espaços antes restritos à pintura e à escultura (Rouillé, 2009). Ao mesmo tempo, a popularização das câmeras digitais, primeiro nas mãos de “hobistas” e, depois, integrada aos *smartphones*, transformou o ato de fotografar em prática massiva, acessível a legiões de novos “autores visuais”.

Na era digital, o ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras” ganha contornos quase literais, em um único clique, cada indivíduo pode comunicar, compartilhar e inscrever sua própria visão de mundo. No entanto, é justamente nesse cenário de hiperprodução e circulação irrestrita de imagens que se arrisca dizer: se instaura uma das maiores crises no reconhecimento da fotografia enquanto arte e não apenas como registro do cotidiano.

Nesse contexto, a fotoperformance pode contribuir para diferenciar o uso banalizado da imagem de uma produção fotográfica orientada por intencionalidade estética. Embora muitas práticas contemporâneas, como a *selfie*, envolvam a

Volume 2026
ISSN 2319-0868

presença do corpo diante da câmera, nem toda imagem corporalizada constitui uma fotoperformance (Goldberg, 2006).

Este formato de fotografia atingiu tamanha proporção que, mesmo em 2013, aproximadamente um milhão de *selfies* eram publicadas diariamente em todo o mundo, como bem compila os dados do artigo *online*, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos ainda em 2014.[2]

À primeira vista, pode-se supor que as crianças estariam "protegidas" desse empobrecimento visual-artístico, uma vez que muitas dessas plataformas digitais possuem restrições etárias. No entanto, a realidade já é outra, desde muito cedo, elas estão imersas em ambientes imagéticos saturados, acessando conteúdos, reproduzindo gestos e assimilando padrões estéticos que nem sempre favorecem a sensibilidade ou a criatividade (Figura 1).

Figura 1 - Matéria em jornal on-line acerca do acesso às mídias sociais por crianças e jovens


CORREIO BRAZILIENSE Brasil

Um estudo divulgado nesta quarta-feira (23/10) revelou que 93% das crianças e adolescentes brasileiros têm acesso à internet e, dentro desse percentual, 83% têm perfis em plataformas digitais, como Whatsapp, Instagram, TikTok e YouTube. Apesar das plataformas não permitirem que menores de 13 anos façam contas nas redes sociais, 60% de crianças entre 9 e 10 anos possuem perfis na internet.

Fonte: Correio Braziliense.[3]

Nesta mesma matéria, publicada por Maria Beatriz Giusti em 2024 no *site* do jornal Correio Braziliense, encontram-se mais informações relevantes:

> Os dados são da pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2024*, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). "[...] Conforme as idades vão evoluindo, o percentual com perfil em pelo menos uma rede social também sobe. Entre crianças de 11 e 12 anos, o percentual é de 70%. Entre adolescentes de 13 e 14 anos, o número cresce significativamente, com 93% dos jovens com perfis. E, entre 15 e 17 anos, o uso das redes sociais é quase obrigatório, com 99% dos adolescentes com pelo menos uma conta em redes sociais.

[2] Artigo: A era selfie, disponível em https://www.ihu.unisinos.br/535115-a-era-selfie.
[3] Matéria: 93% das crianças e adolescentes no Brasil têm acesso à internet, diz estudo, disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/10/6971543-97-das-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tem-acesso-a-internet-diz-estudo.html.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Compreendendo, portanto, como apontam os dados supracitados, que as crianças estão cada vez mais imersas nessas realidades virtuais, assim, torna-se fundamental refletir sobre formas de deslocamento desse consumo passivo de imagens. A produção fotográfica, nesse sentido, pode funcionar como dispositivo potente na educação estética, artística e sensível do olhar. Portanto, neste contexto, a fotoperformance se caracteriza pela elaboração consciente da ação, da pose, do gesto, do enquadramento e da relação entre corpo e espaço da criança.

Assim, enquanto parte significativa das imagens digitais tende à repetição de padrões visuais impostos pelas plataformas, a fotoperformance pode operar como prática de deslocamento, permitindo que a criança possa criar suas próprias imagens, desenvolver sua sensibilidade, sua curiosidade e a capacidade de construir sentidos para além das dinâmicas de circulação das mídias sociais. Além disso, ela pode investigar criticamente sua presença no mundo e produzir imagens que ultrapassem a lógica imediata do consumo visual (Goldberg, 2006; Sontag, 2007).

3. Plano Americano: Aquele que fotografa

Partindo dos pressupostos já desenvolvidos neste escrito, compreende-se que a fotografia é uma entre as inúmeras formas de expressão artística. Ao escolher o que incluir ou excluir do enquadramento, ajustar a luz, alterar ângulos ou trocar lentes, quem fotografa revela uma intenção e uma leitura exclusiva da realidade. É nesse gesto de composição que se funda a potência estética da fotografia enquanto arte.

A fotoperformance amplia essa compreensão ao evidenciar que, em determinadas práticas artísticas, aquele que fotografa e aquele que é fotografado podem participar de um mesmo processo criativo, no qual o corpo, o gesto e a imagem se constituem mutuamente. Nesse caso, a fotografia não opera somente como captura de uma realidade exterior, mas como construção de uma ação performativa pensada para existir na imagem. Como linguagem híbrida, a fotoperformance desloca a fotografia do campo do registro para o campo do acontecimento visual, pois a cena, o corpo e o enquadramento são organizados como partes de uma mesma experiência estética (Cohen, 2002).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

No trabalho com crianças, essa perspectiva pode favorecer experiências de criação em que elas não apenas fotografem a cidade, mas também produzam pequenas ações, gestos ou ocupações poéticas diante dos espaços urbanos. Desse modo, a fotografia torna-se um meio de experimentar corporalmente o território, permitindo que a criança compreenda sua própria presença como elemento constitutivo da imagem.

Além disso, ela tem grande importância na educação da criança, dado que a dimensão da sensibilidade estética acompanha a experiência humana ao longo dos séculos.

Embora a fotografia possa assumir distintos propósitos, é na sua dimensão artística que a sensibilidade estética não apenas aparece, mas torna-se imprescindível. Fotografias produzidas nesta intenção transbordam lirismo, provocam reflexões e multiplicam sentidos. É uma dinâmica que exige daquele que cria a imagem um exercício de percepção, e daquele que a contempla, a ativação de suas faculdades sensíveis, já que "[...] toda contemplação é experiência do olhar do sujeito em direção ao objeto artístico [...]. Portanto, contemplar é desejar o objeto artístico, possuí-lo, mantê-lo no pensamento, na imaginação, manifestado em nossa vontade, na sensibilidade (Santos Filho, 2008, p. 7).

A fotografia, enquanto linguagem visual, tem ainda a singular capacidade de comunicar mesmo "antes da palavra". Por isso, torna-se um meio especialmente fecundo para o florescer da sensibilidade estética nas crianças, já que oferece a elas uma possibilidade expressiva acessível, anterior à escrita formal e fluente.

Agora, volta-se para aquele que fotografa, "[...] o aparelho fotográfico aparece como um dispositivo vazio que depende do seu operador para destinar suas produções para este ou aquele espaço discursivo" (Almeida, 2015, p. 69). Assim, este vazio só se torna arte quando preenchido pela visão e pela escolha do operador. Conforme Sontag (2007), "o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça - como uma antologia de imagens." (*ibidem*, p. 13). Ademais, "[...] a fotografia proporciona um sistema especial de revelação: que nos mostra a realidade como não a víamos antes" (*ibidem*, p. 135).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Diante de tamanha potência subjetiva, faz-se evidente que a fotografia ultrapassa o mero campo técnico para se revelar num espaço de aprendizagem sensível. Nesse sentido, cabe pensar a fotografia não apenas como atividade criativa, mas como prática educativa.

Ao manusear a câmera, a criança percebe que observar atentamente detalhes, como a textura de uma folha, a curvatura de um rosto ou o brilho efêmero de uma poça d'água, constitui uma forma de redescobrir o mundo por meio de um olhar curioso e sensível. Esse exercício, distanciado do "clique automático" das mídias sociais, convida a gestos intencionais, como escolher o momento do disparo, negociar enquadramentos inusitados, testar contrastes e sobreposições. Cada imagem produzida transforma-se, então, em um convite ao diálogo interior, em que a criança pratica não só a observação, mas a interpretação e a narração de sua própria experiência. Neste âmbito, Hermann (2010, p. 15) contribui ao comentar que "o que põe em movimento esse outro lado da razão - o sentimento, a sensibilidade, as emoções e o corpóreo - é a experiência estética."

Ademais, quando esse gesto é orientado para os espaços cotidianos, a fotografia converte-se em um instrumento de escuta, investigação e ampliação da percepção. Elementos já presentes no cotidiano da criança passam a ser observados sob novas perspectivas, revelando nuances, significados e relações que enriquecem sua experiência com as imagens.

Essa perspectiva nos conduz, inevitavelmente, à próxima discussão deste trabalho: a cidade como contexto formador artístico-educador do olhar fotográfico, espaço onde arte, infância e território se entrelaçam.

4. Plano Conjunto: A cidade como contexto formador artístico-educador do olhar fotográfico

Seria contraproducente dar início a este item sem enfatizar, como afirmam Mourão e Lopes (2020, p. 3), que a educação extrapola o espaço formal de ensino:

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> As possibilidades educativas não se limitam aos espaços de educação formal, tampouco esses espaços dedicados exclusivamente à educação seriam capazes de formar plenamente os sujeitos de suas ações. A educação está presente em todos os espaços e pode ser objeto de práticas integradoras, que incluam todos os seus membros, contribuindo para a formação integral dos sujeitos, em todas as dimensões do desenvolvimento humano.

Antes de avançar na análise da cidade como contexto formador do olhar fotográfico, é imprescindível reconhecer que a aprendizagem não se restringe às quatro paredes da escola, sobretudo num campo tão sensível quanto a fotografia. Os autores De Souza e Fonseca da Silva (2024, p.4) afirmam que: “A câmera possibilita que se vejam no mundo e demonstrem seu mundo para os outros. Em vários momentos durante as aulas posso flagrá-los se autofotografando, fotografando os colegas, registrando a matéria do quadro, entre outros.” Se, por um lado, a instituição escolar oferece vida e saberes fundamentais, por outro, os ambientes urbanos funcionam como verdadeiros “laboratórios estéticos”. Essa ampliação de cenários educacionais está em consonância com os documentos normativos de nosso país, como por exemplo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular que orienta práticas pedagógicas integradas a múltiplos contextos socioculturais (Brasil, 2018).

Assim, é possível refletir sobre a perspectiva da cidade como contexto formador artístico-educador do olhar fotográfico. Já que a fotografia artística pressupõe o olhar atento, é desejo deste estudo destacar a cidade como um exímio espaço para este exercício. Que espaço seria mais fecundo para o despertar da sensibilidade do que o próprio cotidiano? A fotoperformance, nesse contexto, permite compreender a cidade não apenas como cenário a ser fotografado, mas como espaço de ação, presença e experimentação corporal (Taylor, 2013). Ao propor que o sujeito se coloque em relação ativa com o ambiente urbano, essa prática desloca o olhar da simples contemplação para uma experiência de ocupação sensível do espaço.

Para as crianças, performar fotograficamente a cidade pode significar tocar, percorrer, posar, esconder-se, aproximar-se ou criar gestos diante de monumentos, praças, fachadas e vestígios históricos, transformando o espaço público em território

Volume 2026
ISSN 2319-0868

de criação artística e educativa, auxiliando no desenvolvimento da sensibilidade estética.

Além disso, não apenas a sensibilidade estética pode ser despertada, mas também diversas percepções sociais que pulsam no tecido urbano, já que "[...] o espaço público representa a própria sociedade presente nas cidades. A cidade é um produto da natureza humana, ela representa nas suas formas e na sua dinâmica a sociedade que ali vive, seus valores e sua cultura." (Mourão e Lopes, 2020, p. 4).

Ademais, ao ampliar o olhar para a cidade como campo artístico-educador, é preciso destacar o valor dos espaços históricos como territórios simbólicos que concentram memórias coletivas, identidades locais e camadas temporais que podem ser reativadas pela sensibilidade fotográfica. Para as crianças, esse contato sensível com a cidade e sua história é ainda mais significativo. Em um cotidiano no qual o acesso à compreensão do passado é frequentemente restrito a narrativas formais e distantes, a fotografia surge como meio acessível, afetivo e criativo de aproximação, do mesmo modo que a dança (Guedes, Scariot e Dias, 2022). Assim, fotografar o patrimônio torna-se também uma forma de habitá-lo, de torná-lo seu.

Desse modo, compreende-se que a experiência fotográfica pode ser redirecionada para diferentes focos, ora voltada a elementos do cotidiano urbano, ora intencionada ao resgate sensível de espaços históricos. O fotografar artístico, em sua essência, não se limita a um único objeto ou tema. Ele é, antes, um exercício de atenção, escuta e criação diante do mundo. Trata-se de um campo vasto de possibilidades expressivas que, ao ser experimentado pelas crianças, amplia sua percepção estética e sua relação com o espaço que habitam. Contudo, ao reconhecer a potência educativa dos bens patrimoniais e a necessidade de ressignificá-los na infância, o próximo capítulo se dedicará a apresentar uma abordagem prática que alinha sensibilidade artística, linguagem fotográfica e valorização do patrimônio histórico.

5. Close-up: Na prática

Considerando todo este arcabouço teórico e tendo a cidade Erechim-RS, palco deste estudo, propõe-se, neste capítulo, a descrição detalhada de uma prática

Volume 2026
ISSN 2319-0868

que visa integrar arte, sensibilidade e patrimônio. A criação de totens fotográficos públicos, posicionados estrategicamente diante de pontos históricos da cidade.

É importante ressaltar que estes totens constituem, neste estágio, uma proposição conceitual, de modo que o presente texto cumpre a função de apresentá-los teoricamente. Portanto, tais artefatos não foram materializados nem instalados para os fins deste estudo.

Imagine percorrer as ruas de Erechim-RS ser convidado a interromper, ainda que brevemente, o fluxo cotidiano para direcionar o olhar a detalhes que, até então, passavam despercebidos.

Esses totens funcionarão como equipamentos interativos e contemplativos, convidando o passante, criança ou adulto, a uma pausa, a um reencontro com o lugar que, de tão familiar, já não provoca o olhar.

Em cada um desses pontos, a fotoperformance poderia ser explorada como exercício de presença e pertencimento. Na Praça da Bandeira, por exemplo, a criança poderia experimentar gestos de observação, escuta ou deslocamento diante do chafariz e da fachada da Prefeitura. No Castelinho, poderia dialogar corporalmente com as formas arquitetônicas, janelas e volumes da construção. Na antiga Estação Ferroviária, a ação performativa poderia evocar ideias de viagem, espera, memória e passagem do tempo. Assim, cada ponto histórico se converteria não apenas em objeto de registro, mas em campo de ação sensível.

Propõe-se a produção de cada totem com sua estrutura interna de perfis tubulares de alumínio, e externa *Solid Surface*[4]. O design também prevê dois encaixes circulares: o inferior, fixado à altura média de uma criança, serve de apoio para queixo ou testa e guia o campo de visão; o superior, alinhado para acomodar um *smartphone* ou câmera fotográfica, garante enquadramentos estáveis e precisos.

Para que os usuários mais baixos alcancem o encaixe inferior com segurança, um degrau integrado à própria base do totem os eleva suavemente, promovendo a autonomia e o conforto sem interferir no projeto estético. Além da placa de identificação, com um breve texto histórico e cultural sobre o ponto em foco

[4] Um *solid surface* ou a superfície sólida, trata-se de um material sintético composto por minerais naturais e resinas acrílicas ou de poliéster.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

há um “mapa do circuito” com a indicação dos outros totens instalados na cidade, estimulando o itinerário fotográfico.

Ao reunir elementos estruturais funcionais e recursos textuais estratégicos, os totens propostos transformam o ato de fotografar em uma prática acessível, orientada e intencional. Na sequência exploramos a proposição pedagógica dos totens.

5.1. Proposição pedagógica dos totens

A proposição pedagógica dos totens fotográficos organiza-se em torno de três dimensões complementares: a educação do olhar, a autoria criativa e a ativação da memória urbana. O totem funcionaria como mediador da atenção, pois convida a criança a desacelerar o gesto fotográfico e a observar o espaço antes de produzir a imagem. Diferentemente do clique rápido e automático, comum nas práticas digitais cotidianas, o dispositivo propõe uma pausa, um enquadramento e uma escolha consciente. Assim, a experiência fotográfica passa a ser compreendida como exercício de percepção, interpretação e construção de sentido.

Embora o totem sugira um ponto de vista inicial, ele não pretende limitar a criação da criança. Ao contrário, sua função é instaurar uma situação de descoberta. A partir do enquadramento proposto, a criança pode experimentar variações: aproximar-se ou afastar-se, fotografar detalhes, incluir pessoas, explorar sombras, texturas, reflexos, gestos corporais e diferentes horários do dia. Desse modo, o dispositivo atua como disparador de liberdade criativa, pois oferece um ponto de partida, mas não determina um único resultado visual. Cada fotografia produzida torna-se expressão singular de uma relação entre sujeito, câmera e cidade.

Também, estes totens podem contribuir para o resgate da memória ao direcionarem o olhar para espaços históricos que muitas vezes são naturalizados no cotidiano urbano. A presença de textos breves sobre cada local, associada à experiência sensível da fotografia, permite que a criança estabeleça vínculos entre imagem, história e pertencimento. Ao fotografar uma praça, uma estação ferroviária ou uma edificação patrimonial, ela não apenas registra uma construção, mas é convidada a perceber marcas do tempo, narrativas coletivas e vestígios da formação da cidade. Dessa forma, a memória deixa de ser apresentada apenas como

conteúdo informativo e passa a ser vivida como experiência estética, afetiva e corporal (Goldberg, 2006).

5.2. Possibilidades de mediação educativa

Como possibilidade de mediação educativa, a utilização dos totens pode ser organizada conforme a proposição a seguir. Iniciando-se na aproximação ao local, com uma conversa inicial sobre o espaço urbano, sua história e seus usos no cotidiano. Após, a observação orientada, na qual crianças são convidadas a perceber linhas, formas, cores, texturas, sinais de passagem do tempo e relações entre o patrimônio e a vida da cidade. O próximo momento corresponde à produção fotográfica, quando cada participante realiza seus enquadramentos a partir do totem, podendo também experimentar imagens complementares fora do enquadramento sugerido. Por fim, a socialização das imagens, em roda de conversa, exposição física ou galeria digital mediada, favorecendo a partilha das percepções e a construção coletiva de sentidos.

Essa sequência pedagógica não concebe o totem apenas como objeto instalado no espaço público, mas como dispositivo de mediação artístico-educativa. Incentivando a observação, a valorização do patrimônio e o engajamento ativo com a cidade.

> É neste quadro plural, heterogêneo, até incerto, que pensamos que a competência da sensibilidade estética e artística, o seu aguçamento, distensão e alargamento através da imaginação, pode auxiliar os nossos alunos no desenvolvimento de competências pessoais, sociais e cosmopolitas, cuidando de si e dos outros, respeitando as diferenças, com os olhos postos ainda no presente, mas com vista ao futuro. (Vilares, 2021, p.9).

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

A Figura 2 mostra o protótipo do totem fotográfico proposto.

Figura 2 - Renderização do protótipo do totem fotográfico proposto.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Sugere-se, de início, três estruturas interativas, a primeira, na Praça da Bandeira, defronte à Prefeitura Municipal de Erechim, alinhada ao famoso chafariz em conjunto com a fachada e sobrado neoclássico do prédio público em questão. A segunda, junto ao “Castelinho”, enquadrada ao jogo de volumes em madeira clara e das janelas em arco. A terceira, no pátio da antiga Estação Ferroviária, orientada ao olhar para a plataforma de pedra batida, o beiral alongado sustentado por colunas de madeira e os remanescentes trilhos, evocando as memórias de transporte e encontro que moldaram o desenvolvimento urbano da cidade.

Considerando que o protótipo se encontra, nesta etapa, em fase de concepção e prototipagem visual, não foram ainda realizados testes de uso com crianças ou passantes, tampouco coletados retornos empíricos sobre sua aplicação no espaço urbano. Desse modo, não se pretende afirmar a efetividade prática do totem como resultado já comprovado, mas indicar sua potência pedagógica a partir da fundamentação teórica desenvolvida e das possibilidades de mediação artístico-educativa aqui delineadas, tendo como autores Ferry (1994), Sontag (2007), Hernann (2010), Almeida (2015) e De Souza e Fonseca da Silva (2024).

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Nessa perspectiva, aponta-se novamente que o protótipo responde ao objetivo central do estudo em caráter propositivo: fomentar, de forma prática e educativa, o desenvolvimento da sensibilidade estética no espaço público, com ênfase na relação entre infância, arte e memória urbana. Futuras etapas da pesquisa poderão contemplar a produção física dos totens, sua instalação em pontos históricos da cidade, a realização de oficinas com crianças e a coleta de dados por meio de observação, registros fotográficos, relatos dos participantes e entrevistas com educadores.

6. O Retrato Final: considerações e desdobramentos

Os resultados deste estudo devem ser compreendidos em caráter propositivo, uma vez que a pesquisa não contemplou, nesta etapa, a produção física, a instalação urbana ou a aplicação do totem com crianças e passantes.

O principal resultado consiste na elaboração conceitual e visual de um dispositivo artístico-pedagógico voltado à educação estética do olhar fotográfico no espaço público.

A partir da revisão teórica e da concepção projetual desenvolvida, compreende-se que o totem pode contribuir para: a desaceleração do ato fotográfico; o estímulo à observação sensível da criança; a construção da autoria visual da criança; a valorização do patrimônio histórico; e a ativação da memória urbana por meio da experiência estética. Tais potencialidades, contudo, deverão ser verificadas em etapa posterior, mediante aplicação piloto e coleta qualitativa de dados junto aos participantes, neste caso, as crianças.

Cabe salientar que este estudo nasce do incômodo provocado pela banalização da fotografia na sociedade digital e do desejo de reencantar o olhar, especialmente o das crianças, diante um mundo saturado de estímulos visuais. Ao longo do percurso teórico, compreende-se a fotografia não apenas como uma tecnologia de registro, mas como expressão artística-educativa e forma de expressão sensível. Na medida em que as mídias sociais se consolidam como palco central da produção e do

Volume 2026
ISSN 2319-0868

consumo imagético, a experiência estética vem sendo esvaziada de profundidade, reduzida a filtros, algoritmos, métricas e repetições. Nesse contexto, resgatar a potência da fotografia como arte e como prática formadora estética torna-se não só necessário, mas urgente.

A incorporação da noção de fotoperformance amplia ainda mais os desdobramentos da proposta, ao indicar que a experiência fotográfica pode envolver não apenas o olhar, mas também a presença corporal da criança no espaço urbano. Ao performar diante da cidade, a criança transforma-se em parte ativa da imagem, produzindo relações entre corpo, memória, patrimônio e imaginação. Com isso, a fotografia deixa de ser apenas um meio de registrar a cidade e passa a funcionar como prática formadora artística-educativa de pertencimento, criação e presença.

Como limite deste estudo, reconhece-se que os totens ainda não foram produzidos fisicamente nem aplicados em contexto educativo com crianças. Por isso, os resultados apresentados devem ser compreendidos como resultados propositivos, derivados da elaboração conceitual, estética e pedagógica do dispositivo. Como desdobramento futuro, indica-se a necessidade de implementação piloto da proposta, acompanhada de avaliação qualitativa junto aos participantes, a fim de compreender de que modo o totem efetivamente mobiliza liberdade criativa, educação do olhar, pertencimento e resgate da memória urbana.

Cabe destacar também, que este projeto e sua prototipagem foram desenvolvidos como parte do trabalho final da Pós-Graduação em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces, ofertada pela Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim. Esta proposição não pretende encerrar o debate, mas abrir caminho para novas investigações e aplicações possíveis, dentro e fora da escola, com crianças e adultos, em outras cidades, espaços e territórios. Afinal, educar o olhar é também educar para a presença, para o afeto e para a construção coletiva de sentidos.

Referências:

ALMEIDA, J. G. M. **60/70:** as fotografias, os artistas e seus discursos. Curitiba: Juliana Gisi Martins de Almeida, 2015.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

COHEN, R. **Performance como linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

DE SOUZA, T. E.; FONSECA DA SILVA, M. C. da R. A FOTOGRAFIA E SEU POTENCIAL ARTÍSTICO: UM SABER ESCOLAR. **Revista da FUNDARTE**, *[S. l.]*, v. 59, n. 59, p. e1345, 2024. DOI: 10.19179/rdf.v59i59.1345. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1345 . Acesso em: 12 dez. 2025.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FATH, T. C. D. S.. **O processo de legitimação da fotografia no campo da arte e sua repercussão na Bahia.** [Tese de mestrado]. Universidade Federal da Bahia - Escola de Belas Artes, Salvador, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33005/1/Tese%20A%20Legitima%C3%A7%C3%A3o%20da%20Fotografia%20no%20Campo%20da%20Arte%20e%20sua%20repercuss%C3%A3o%20na%20Bahia.pdf Acesso em: 1 abr. 2025.

FERRY, L. **Homo aestheticus:** a invenção do gosto na era democrática. São Paulo: Ensaio, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIUSTI, M. B. 93% das crianças e adolescentes no Brasil têm acesso à internet, diz estudo. **Correio Braziliense**, Brasília, 23 out. 2024. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/10/6971543-97-das-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tem-acesso-a-internet-diz-estudo.html. Acesso em: 10 maio 2025.

GOLDBERG, R. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUEDES, A. L.; SCARIOT, F. F. ; DIAS, A. G. . EXPERIMENTAÇÕES EM VIDEODANÇA: A INFLUÊNCIA DO AUDIOVISUAL NA VISUALIDADE DA DANÇA. **Revista da Fundarte**, v. 50, p. 161-181, 2022.

HERMANN, N**. Autocriação e horizonte comum:** ensaios sobre educação

REVISTA DA FUNDARTE

ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo.** Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

KIRST, P. B. A. G.. **Transfotografia: o pixel em multidão.** 2010. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24683. Acesso em: 10 maio 2025.

MARCELLO, F. A.. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 199–213, jan./jun. 2004. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/25426/14752/96666. Acesso em: 10 maio 2025.

MOURÃO, A. R. T.; LOPES, C. V. A. A cidade como espaço de educação ampla e práticas educativas integradoras. **Interfaces Científicas** - Educação, Aracaju, v. 9, n. 3, p. 27–40, 2020. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7871 . Acesso em: 6 dez. 2025.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea.** São Paulo: Editora Senac, 2009.

SANTOS FILHO, A. S. Razão e sensibilidade: ver imagem, pensar o mundo. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 127–142, 2008. DOI: 10.5216/ia.v33i1.4250. Disponível em: https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/4250. Acesso em: 12 abr. 2025.

SONTAG, S. **Sobre fotografia.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VILARES, A. C. N.. **Educação filosófica e desenvolvimento social:** como recuperar a sensibilidade estética e artística para habitar eticamente a cidade? 2021. Relatório de estágio (Mestrado em Ensino de Filosofia no Ensino Secundário) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2021. Disponível em: https://www.proquest.com/openview/2d6e9d09b8308a02cd58898f5ef0b215/1?cbl=2026366&diss=y&pq-origsite=gscholar . Acesso em: 12 abr. 2025.

Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Recebido em: 16/06/2026.
Aceito em: 04/08/2026.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

*
Nome do Autor: Vanessa Regina Trentin Zoraski
Minibiografia: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (Universidade Federal de Santa Catarina). Graduada em Pedagogia (Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Campus Erechim) e Tecnóloga em Design Gráfico (Centro Universitário Internacional - UNINTER). Possui pós-graduação em Alfabetização e Letramento (UNINTER), Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces (UFFS), e Educomunicação e Tecnologia (UNINTER).
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-6369-4827
E-mail: vtrentn@gmail.com

**
Nome do Autor: Anibal Lopes Guedes
Minibiografia: Anibal Lopes Guedes é graduado em Ciência da Computação pela Universidade de Passo Fundo - UPF (2001) e graduado em Ciência da Felicidade pela UniCesumar (2026). Fez o seu mestrado em Ciência da Computação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Computação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2004), e fez o seu doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2017). Possui Especialização no Ensino de Artes pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2019) e Especialização em Artes pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL (2022). Pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2022). Professor associado na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Erechim, desde 2011.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3170-0854
E-mail: anibal.guedes@uffs.edu.br

CC BY

ZORASKI, Vanessa Regina Trentin; GUEDES, Anibal Lopes. A CIDADE COMO CONTEXTO FORMADOR ARTÍSTICO-EDUCADOR DO OLHAR FOTOGRÁFICO.**Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 68,e1864, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE